

## Entrevista realizada por Regina Leite Garcia, RJ-outubro/2003 Transcrição e tradução de Marcelo Andreoti

### **Joyce King**

*Professora de educação na faculdade de Spelman em Atlanta, Georgia. Anteriormente, atuou como reitora da Faculdade de Spelman, uma instituição de ensino de artes liberais, sediada em Atlanta, Ga, com cursos com a duração de quatro anos e que recebe historicamente mulheres negras. Ela trabalhou como reitora adjunta na Faculdade Medgar Evers (Universidade Municipal de Nova York), e como vice-reitora adjunta na instituição Assuntos Acadêmicos e Programas sobre Diversidade (Universidade de Nova Orleans). Ela também atuou como diretora da Teacher Education (Educação para Professores) na Universidade de Santa Clara por 12 anos. Seus estudos acadêmicos incluem um Doutorado (Ph.D.) em Fundações Sociais da Educação e um Mestrado (B.A.) em Sociologia (com distinção) pela Universidade de Stanford.*

**R:** A partir da sua palestra na ANPED, eu fiz algumas anotações do que mais me impactou. A primeira foi quando você perguntou ao auditório, com toda esta energia que impressiona: *É esse o tipo de mundo que nós queremos? Você respondia a quem contestara a sua crítica: “mas esta civilização fez o homem chegar à Lua e fazer tantas descobertas... na arte, na filosofia e tudo mais”.* E você começou a discorrer sobre o que quis dizer com **um novo mundo**. Você se referia à humanidade de toda a humanidade. Foi o que eu entendi de sua fala. Depois, uma das mulheres presentes lhe fez uma pergunta, trazendo a sua experiência com o desenvolvimento da auto-estima das crianças negras. Trabalhar com crianças negras, para ela, significava trabalhar a sua auto-estima. E você contestou: A auto-estima não é o problema. O problema é a identidade, que deveria surgir da convicção de que um mundo diferente é possível. Ao mesmo tempo você estava respondendo a questão da auto-estima, se seria ou não a grande questão, mas também, avançando na pergunta anterior: *será esse o mundo que queremos?* e então você mencionou muito enfaticamente: Raça é uma falácia, essa construção não é real. Nós somos todos humanos. E o que me impressionou, mais uma vez, porque eu já havia lhe escutado nos EUA, é a força que você tem quando fala. Porque ao mesmo tempo em que é um discurso político, uma idéia leva a outra, você responde e complementa o que havia dito anteriormente, e então dá prosseguimento incorporando outra idéia. Em português nós diríamos que você vai costurando as idéias, como alguém que está bordando ou tecendo, o que para mim é muito importante por se tratar de um modo feminino de falar. É uma mulher negra que sabe que forma e conteúdo não se dissociam. E eu tive essa mesma sensação sempre que a ouvi. Bem, dando continuidade à sua conferência, você afirmou: *alguns professores negros perderam suas raízes*, concluindo que em nossa luta nós temos que começar por sermos capazes de ensinar as crianças. Essa é a discussão da educação dos professores.

**J:** Isso mesmo, e a última pergunta sobre o ensino de crianças, eu me lembro que a pessoa fez a pergunta de um modo muito complicado, porque disse “se raça não é...”, fazendo uma ligação com algo que um venezuelano havia dito na noite anterior. Ele é um professor da Venezuela, um afro-venezuelano que falou sobre como as descrições de raça eram na verdade palavras relacionadas com animais ... algo como “mulata”, “mulher”, “mula”. Ele falava em espanhol, e eu não conhecia as raízes das palavras. Mas a pergunta que foi colocada para mim era como o venezuelano havia dito. Chucho tinha dito que esses conceitos de raça vêm de denominações de animais, e se você diz que raça é uma falácia, que cientificamente não é verdadeira, fica a pergunta - o que devemos ensinar às crianças? Devemos ensinar essas palavras que têm a ver com animais? Então, qualquer pessoa que der aula para crianças, começará com uma pedagogia desenvolvimentista para ser apropriada. Essas temáticas, mesmo para adultos, já são um desafio. A questão não é saber se devemos ensinar sobre animais, ou se devemos ensinar sobre o que raça significa cientificamente, e sim, qual tipo de mundo nós queremos que nossos filhos estejam aptos a criar. Isso nos leva a ter de traduzir essas temáticas mais complexas em algo concreto para que as crianças consigam entender. Assim, a pergunta que me foi feita, ficou 2 ou 3 passos distante do verdadeiro problema em relação ao que ensinar às crianças. Eu percebi que a pergunta tinha sido um pouco diferente, mas a respondi desta maneira, por considerar esta a questão fundamental. Quando afirmo que devemos estudar mais, isso é, partindo de um ponto de vista mais pedagógico, que há idéias e temas complexos em qualquer área: natureza, ciência, alimentos, local em que vivemos, continentes, planeta... mas você escolhe esses assuntos porque agora você os domina, e pode traduzi-los em algo que faça sentido para uma criança. É isso o que eu quis dizer quando mencionei a necessidade de se estudar mais, para que nós mesmas possamos incorporar o que estudamos, já que agora há algo a fazer com o estudado - transformar esse conhecimento em uma experiência de aprendizado significativa para uma criança. É mais fácil ensinar adultos. Você fala a mesma linguagem, tem o mesmo nível de pensamento; trata-se simplesmente de transferência de informação em um nível. Mas valer-se de um pensamento complexo e transformá-lo em algo significativo para uma criança vivenciar, é mais complicado. Isso requer mais estudo. Não apenas o conhecimento em si, mas o processo de aprendizagem de uma criança para a qual você está criando uma experiência de aprendizagem. Você tem que criar uma experiência de aprendizado para uma criança. O uso dessa informação não é uma simples transferência direta. Era isto o que eu estava tentando transmitir, sem reagir à pessoa que optou por confundir a discussão. Aquilo foi um esforço para confundir.

**R:** Mas o que aconteceu na tua conferência, acontece freqüentemente entre professoras... o questionamento sempre surge. *“Mas como a gente podia fazer isso? Como a gente podia fazer aquilo?”*

**J:** Alguns anos atrás nós chamávamos isso de “workshops de educação multicultural”; dizíamos que as pessoas queriam uma “receita”.

Eles não estão engajados, apenas querem reproduzir “siga as instruções”. É como pintar através de números, que é o motivo da minha insistência em repetir para as pessoas aqui, especialmente em relação à questão de como se trabalhar com os professores brancos. Isso também é repetido. Eles querem uma fórmula para trabalhar com os professores brancos, e eu repetidas vezes disse que esse trabalho requer comprometimento do “coração e da mente”, de corpo e alma. Portanto isso não pode ser feito a partir de uma fórmula. Isso tem que começar com esses professores brancos com sua experiência... seu conhecimento, sua educação. De uma maneira que eles dominem o processo; eles estão preocupados com esse processo desde a base do seu próprio engajamento. Isso não é para as crianças negras. É para a sociedade, e para os próprios professores e professoras. Então o caminho para se conseguir esse engajamento no processo é dar início com os professores brancos tendo como ponto de partida a sua experiência de identidade, a sua própria educação. O ponto de partida é a sua própria classe e é a partir desta preocupação que eles conseguirão encontrar os seus próprios potenciais criativos.

Eu não tenho que inventar a solução para a sala de aula do professor. Esse professor vai se motivar e ficar acordado a noite toda preparando as aulas que darão certo. Mas dá certo porque vem de dentro, porque é criado pelo próprio professor. Eu aprendi isso com os meus alunos na Califórnia, num curso de formação de professores que eu dava com a Glória Ladson-Billings na Universidade Santa Clara. Nós não tínhamos alunos negros. Todos os nossos alunos eram brancos. Talvez dois em doze anos... dois ou três no máximo fossem negros. Lá eu pude aprender alguma coisa sobre educação de alunos brancos. Meus alunos diziam sempre no final do ano: “*obrigado por abrir a nossa mente.*”

Eu sou socióloga. E ao ouvir essa frase repetidamente, ano após ano, compreendi que isso era sociologicamente significativa. É como o trabalho de um antropólogo que vai pesquisa no campo e aprende a língua dos que vivem naquele lugar. Eu me perguntava: o que eles querem dizer com “obrigado por abrir a nossa mente”? Comecei a entrevistar os meus alunos no final do ano e a lhes perguntar o que significava *abrir as suas mentes*. Fui compreendendo que se tratava da sua própria transformação. A transformação da sua identidade. Eu tenho um artigo em um livro que eu usei esta expressão como título: “*Obrigado por abrir nossa mente*”. Neste livro eu descrevo a pedagogia que utilizei na Universidade Santa Clara. O que fiz, como fiz, e o motivo que os levava a essa descoberta.

*Um dos meus alunos me contou uma história. Ele era um aluno muito especial. Ele veio de uma família pobre, conseguiu entrar na Universidade Santa Clara, que é do mesmo nível da Universidade Stanford, em termos financeiros e em termos de prestígio. A família dele e todos os professores tinham uma expectativa de que ele fosse estudar Direito, porque ele era um aluno brilhante. Ele ganhou até um prêmio de melhor aluno, e então eles esperavam que ele fizesse Direito. Porém ele decidiu ser professor. Todos ficaram desapontados. Creio que a entrevista com ele para minha pesquisa foi quatro ou cinco anos após essa decisão de ser professor. Na entrevista ele me disse:*

*“você abriu nossa mente.” - E o que isso significa? – perguntei. “Quando entrei no programa de prática de ensino, eu pensei que o meu trabalho seria ajudar essas crianças a serem iguais a mim porque elas são pobres, negras, mexicanas... e eu queria que elas viessem a ter as mesmas vantagens que eu tenho. Por isso eu achava que meu trabalho consistia em torná-las iguais a mim. Mas você me mostrou que o meu trabalho seria permitir que as crianças usassem os seus próprios talentos, para que fossem mais elas mesmas e não que se tornassem iguais a mim. Não que as crianças negras, mexicanas se tornassem iguais às crianças brancas, mas fossem mais elas mesmas. Aprendi com você que o mundo é para que cada ser humano seja ele mesmo.*

Então o que é que os brancos devem fazer para participar desse processo? Eles têm que tirar essa capa de “branquidade” e serem seres humanos, para que possam ser humanos na relação com todas as crianças. Isso não significa que as crianças não sejam negras e que eles não sejam brancos. Mas o processo de aprendizado é uma via de mão dupla. Você pode ficar com uma pessoa enquanto você também estiver dando para ela algo que ela não possuía. Não como um missionário, que não seria bom nem para você nem para a outra pessoa. O exemplo que acabo de te relatar é significativo. Esse jovem se tornou um ativista. Um dia ele se tornou notícia de jornal porque levou os seus alunos negros e mexicanos a um dos melhores restaurantes no centro da cidade de San José. Ele apenas queria que seus alunos vissem como era jantar naquele restaurante. E eles foram barrados. Não foi permitido que eles entrassem. Ele insistiu que os alunos tinham o direito de estar ali... pelo menos uma vez... como eles são... para que tivessem uma experiência diferente. O seu ativismo o libertou da arrogância de não saber que o que acabava de acontecer é falta de consciência. Sua identidade mudou do “ser branco como eu” para ser uma pessoa livre de arrogância.

**R:** e isso é o certo.

**J:** é o certo e ele pode participar ajudando outras pessoas a conquistarem seus direitos, sem se perder, por si próprios. Assim ele explicou em uma entrevista com vários alunos que trouxeram seus diferentes exemplos que ilustravam o mesmo processo. O que quero dizer é que o desafio para os brancos, em uma sociedade que proporciona uma noção incorreta de privilégios e de identidade, é desfazer sua identidade. Isso tem que ser feito antes deles poderem ser úteis para qualquer outra pessoa.

Trago uma outra situação vivida por uma aluna minha, que estava dando aula para crianças de pouca idade. Duas das crianças da sala tiveram morte na família. Eram duas meninas: uma negra e uma branca. A família branca não permitiu que a criança, que tinha por volta de 8 anos, participasse do funeral. A família negra levou a criança, ela viu o corpo, participou do velório, do enterro... e as duas meninas estavam conversando na sala de aula com a minha aluna que era a professora. A aluna branca estava dizendo que estava com medo porque seu avô tinha morrido. E a minha aluna estava conversando com a aluna negra que dizia não ter medo porque sabia que a avó estava no céu e que ela um dia a veria novamente. Então a

professora (minha aluna), pela primeira vez, compreendeu algo sobre cultura, que as culturas são diferentes e as pessoas lidam com as dificuldades da vida de formas diferentes. E ela gostou da maneira como a menina negra conseguia ver a morte, como uma transformação, e de ter esperança e de não ter medo., que, sendo branca, ela nunca havia tido a oportunidade de vivenciar como uma outra cultura encara a vida de maneira diferente. E ela publicou essa história. Foi a capacidade dela refletir sobre o fato de que os brancos agem de uma forma e os negros agem de outra forma... e é possível aprender a partir da maneira como os negros agem. Estava sendo oferecido a ela algo além do que ela é. Deste modo, o sentido de “branquidade” que ela possuía não era mais totalmente suficiente. Ela aprendera que não poderia mais pensar: “Não preciso de mais nada simplesmente porque sou branca, e é assim que o mundo é, e é assim que todo mundo deve ser”.

Minha pedagogia sempre foi uma abertura para esses alunos. Quando eles tinham acesso a essa abertura, começavam a buscar respostas para suas próprias indagações. Eles não me procuravam mais para me pedir uma “fórmula”. Por quê? Porque se eles falham como seres humanos serão capazes de encontrar soluções? Eles têm responsabilidade de encontrar soluções? Na medida em que eles estão abertos para o mundo para poderem aprender com outras pessoas que anteriormente eles consideravam inferiores ou incapazes. Isso é realmente um maravilhoso reconhecimento de que nosso trabalho é um trabalho de parceiro. Não é como alguém diz, que se deve abrir a cabeça do aluno e despejar conhecimentos. Não é o que nós professores fazemos.

Assim, os meus alunos estavam sempre capacitados no final do processo, e até mesmo aqueles que discordavam de mim no início, conseguiam retornar e dizer: “*agora sei o que você queria dizer, agora eu sei... eu compreendo o que antes não sabia.*” E isso é educação.

**R:** Vou te contar uma experiência que eu vivi com a Glória Ladson-Billings. A primeira vez que entrei na sala dela, bem na parede à minha frente, eu vi um mapa...

**J:** De cabeça para baixo!

**R:** Isso, de cabeça para baixo! Eu nunca tinha visto aquilo e lhe perguntei por que o mapa estava de cabeça para baixo. E ela me disse: *isso faz parte da minha ação política.* O que Glória me disse e como ela falou me fez pensar. Comecei a pensar na geografia, nos primeiros cartógrafos, em quem encomendava os mapas...

**J:** Claro.

**R:** E compreendi. Ela não precisou dizer mais nada. Eu entendi quem fazia os primeiros mapas, quais os interesses da época, que parte do mundo era hegemônica e o motivo dos mapas serem desenhados a partir dessa

perspectiva européia. Em meia hora eu pude compreender algo simples mas imensamente importante: um mapa. E agora, na minha sala de pesquisa na universidade eu também tenho um mapa de cabeça para baixo. E, como aconteceu comigo ao entrar na sala da Glória, as pessoas chegam, vêm, refletem sobre o que vêm e conseguem entender. Este momento de tomada de consciência é importante para o problema do racismo, para o problema da relação norte e sul, ricos e pobres.

**J:** e o problema do conhecimento, da ciência...

**R:** Uma situação como esta nos faz mudar a perspectiva. Algumas vezes, coisas que aparentemente são pouco importantes, provocam esta mudança radical.

Uma vez nós organizamos um seminário sobre Direitos Humanos na Universidade. E convidamos, entre outras pessoas, um indígena de uma tribo que vive em Angra dos Reis, perto do Rio. E ele disse de público: *“eu fui para o colégio porque meu pai me disse que eu tinha que ir porque seria importante para mim. Mas ele não me disse porque isso era importante para mim. E eu ia para o colégio todo dia, e voltava para casa, sem saber porque aquele lugar era importante para mim... eu não sabia porque tinha que freqüentar um lugar onde nada acontecia que pudesse mudar a minha vida, que me fizesse entender algo que eu não entendia anteriormente. Até que um dia, quando eu já tinha 18 anos, uma professora de história me disse que quando os portugueses chegaram ao Brasil, o meu povo vivia nessa terra. Bem, eu me perguntei: se os portugueses chegaram aqui, onde meu povo já estava antes da chegada deles, eles então não descobriram Brasil. Eles invadiram a terra onde meu povo vivia !”*

Aquele indígena compreendeu naquele momento algo que mudava a sua vida. Esse é o ponto. Em um momento ele compreendeu que tudo o que lhe haviam ensinado estava errado, era um lado da verdade. Você pode afirmar que o Brasil foi descoberto se analisar esse fato pela perspectiva européia. Para a Europa o Brasil não existia, portanto ele foi descoberto. Mas para o povo que já estava aqui, que vivia aqui, isso foi uma invasão. Acho que o que nós deveríamos ter feito e o que devemos fazer na educação é trabalhar para que as pessoas consigam ver a partir de um outro ponto de vista. Quando vemos de um outro ponto de vista, da maneira que aconteceu comigo quando vi o mapa de cabeça para baixo e refleti sobre isto, é como se algo se abrisse e você então consegue ver o que não via antes.

**J:** isso é o que acontece quando se aprende sobre outra cultura. Isso lhe permite aprender mais sobre si mesmo, mas quando você descobre pessoas somente para procriar, mandar, controlar... você não aproveita esse processo. É como um provérbio que diz: “se você quiser manter um homem na vala, você também tem que ficar na vala para mantê-lo lá.” Porque o lugar dos seres humanos não é ali. Mas para ele ficar lá, você tem que também ficar lá com ele. Assim é o que acontece com as pessoas que não se dão conta de que oprimem e que também são oprimidas pelo mesmo sistema. A

própria humanidade deles fica comprometida pelo mesmo sistema. E é essa descoberta que possibilita a total participação no processo de educação que é recíproca, que respeita, que nutre culturalmente e que permite visualizar que um outro mundo é possível. Isto é mais do que essas pessoas são hoje.

**R:** uma coisa que você disse na conferência e que eu gostaria que retomasse nesta nossa conversa, é que você afirmou que nos EUA você mesma tomou conta da sua educação. E eu entendo que quando as pessoas lhe perguntam como fazer, talvez não estejam esperando “receitas”, talvez seja um outro pedido de auxílio, como “dê-me força”, “ajude-me”... ..a me sentir capaz de encontrar o meu próprio caminho.”

**J:** É, isso também é possível...

**R:** talvez eu queira acreditar que seja isso. Não se trata somente de “ensina-me como fazer”. Trata-se de “sentindo-me junto com você, eu me sinto mais forte porque não estou sozinha.”

**J:** É, eu ouvi isso...

**R:** e sabe, eu entendi isso quando você estava cantando... “Sometimes I feel like a motherless child” (Às vezes eu me sinto como uma criança sem mãe). e uma das mulheres, emocionada, disse “*Eu me sinto diferente agora porque estou em sintonia com o povo, meu povo que eu nunca vi. E quando você traz essa música eu entendi que não estou sozinha.*” Creio que o que elas buscam é não se sentirem sozinhas, pois é muito sofrimento se sentir sozinha. Estudar em uma escola onde você é o único que está tentando fazer algo, e às vezes, eu escuto isso tantas vezes dos professores... às vezes trata-se de se sentir sozinho e tão enfraquecido. É muito difícil ser diferente em um ambiente onde os outros parecem ser iguais, e você é o diferente.

**J:** bem, essas experiências fazem parte do cotidiano nos EUA; é a experiência universal de alguém tentando provocar mudanças porque muito do que o sistema causa é fazer com que você se sinta louco, fazendo você questionar sua própria existência. Esta é uma resposta humana. Nós nos afirmamos através das reações das outras pessoas. Se todos agem como se não estivéssemos vestidos, nós vamos nos questionar se estamos realmente vestidos. Qual é a outra maneira de conhecermos a nossa realidade além da resposta que obtemos dos outros? Portanto os outros que estão fazendo o que também acham ser o melhor, não estão inclinados a nos dizer que o que estamos tentando fazer é bom, porque isso automaticamente significaria que ou eles não estão fazendo o que deveriam ou o que eles estão fazendo e que estão comprometidos a fazer é ruim. Portanto, devemos desenvolver outras formas de afirmar a validade da nossa solidão, já que durante um certo tempo nós ficaremos sozinhos. Mas a saída não é se entristecer ou agir como pobre coitado. A saída é encontrar outras pessoas e fazer um esforço para trabalharmos coletivamente, de modo que este sentimento de solidão e de desesperança possa ser reconhecido como um estágio que se pode superar.

**R:** Eu quero continuar nesse assunto porque ele tem a ver com algo que tento realizar. O sentir-se só ou a compreensão de que quando se está sozinho a gente se enfraquece, se torna mais vulnerável. Mas quando se está em grupo, numa ação coletiva, a gente se torna forte. Estou lhe dizendo isso porque minha ação pedagógica, ou seja, eu sempre trabalho propondo aos meus alunos uma ação coletiva para que eles entendam a diferença entre ação individual e ação coletiva. Como você se sente quando está sozinho, sem ninguém e como isso leva à competição, ao egoísmo, a ver o outro como inimigo porque preciso ser melhor do que ele. Preciso fazer o meu trabalho melhor do que o dele. Quando se trata de ação coletiva, inevitavelmente se desenvolvem os hábitos de compartilhar, de trabalho cooperativo, da solidariedade, da fidelidade, da análise crítica... e isso é metodologia; estamos falando agora sobre metodologia. Creio que em nossa ação, na educação do professor, seja em curso de graduação ou de pós-graduação, sempre tive a preocupação de propor trabalhos coletivos e depois discutir com eles a importância política de uma ação coletiva.

**J:** bem, eu acho que isso é, ao mesmo tempo, a capacidade de empreender algo como um indivíduo, mas tendo um grupo de referência, porque nossa consciência nos diz que não estamos sozinhos, que há outros, ainda que eles possam não estar fisicamente conosco. Eles podem até não estar na mesma cidade, nem no mesmo continente. Mas quando se realiza a transição para além dos sentimentos de impotência e solidão, então se consegue arrumar um emprego, uma atividade individual, mas não se estará vulnerável ao mesmo sentimento de solidão. Então eu estou apenas dizendo que há um processo de autoconhecimento. Você se posiciona em um mundo maior de valores e de possibilidades. Mas isso também está em minha experiência: a questão espiritual. Eu não estou me referindo a religião, e sim a espiritualidade. Porque o processo de participação em uma luta humana maior também faz parte da sua jornada da vida. Sua capacidade de aprender o seu propósito. O propósito da sua vida, a sua missão. Portanto é um processo natural. No crescimento natural isso provoca mudanças. Se uma semente é plantada e vira uma árvore, a terra vai ser rompida para a semente penetrar e sair da terra. Essa transformação da semente em planta ocasiona o rompimento de algo. Isso pode ser ruim se a semente é fraca demais e não consegue penetrar. Mas se a semente é forte, o processo de romper a terra torna a semente ainda mais forte. É a sua espiritualidade que lhe ajuda a lidar com esse medo. Porque nos ensinaram sobre esse medo. Temos medo de fracassar, medo das pessoas não gostarem de nós, medo de não conseguir... e tudo isso acompanha o sentimento de solidão. Se sua atitude em relação ao fato de ficar sozinho mudar, quando você tiver um outro grupo de referência, mesmo quando você fracassar em alguma coisa, qual será sua atitude diante do fracasso? Sua atitude será... bem, aprendi alguma coisa que nunca mais repetirei; aprendi como lidar com esse tipo de situação no futuro. Então você não sai por aí dizendo... ah, nunca mais vou conseguir fazer isso! Você não sai por aí dizendo que nunca mais terá esse tipo de experiência novamente porque o que aconteceu com você é somente um processo de aprendizado. E na minha filosofia, nas lições que divido com as outras pessoas, eu tento transmitir a mensagem de que somos flexíveis.

Não se trata de uma ação rígida. Às vezes tem-se que recuar, porque não se analisou a situação na qual nos encontramos, e sabemos que estamos além das nossas possibilidades. Aí se tem de recuar, o que não significa que tenhamos desistido. Significa que nos tornamos mais flexíveis, mais reflexivos... pode-se até ligar para alguém e pedir conselho, dizer que hoje não se está bem, que gostaríamos de comentar o assunto, mas que não desistimos. Esta atitude revela que ainda se acredita em nossa capacidade porque se está constantemente aprendendo e evoluindo. Porém não é fácil. Nunca vai ser fácil porque somos seres humanos. Mas temos uma força que não sabemos que temos... a menos que se tente. A questão de não ficarmos sozinhos é uma decisão consciente baseada no fato de que ninguém sabe tudo. Todos precisam de outras pessoas por se tratar de um processo social pelo qual estamos passando. Então você escolhe ser solidário com os outros. Mas essa escolha não lhe tira a obrigação de em algum momento estar sozinho. Petronilha está realizando um trabalho de companheirismo em nível nacional, e ela está sozinha. Isso não significa que ela não...

**R:** Mas ela tem muitas pessoas na retaguarda...

**J:** muitas pessoas.

**R:** e ela sabe disso

**J:** E sem dúvida, ela sabe disso. Assim, quando ela entra numa reunião em uma sala para fazer o que seja que ela tenha de fazer, ela precisa estar auto-confiante. E nesse instante, ela fica sozinha para fazer o que está lá para fazer. Ela pode até errar. Mas isso não será o fim do mundo, pois ela vai conseguir aprender com esse erro. É assim que a gente luta. Nós lutamos como seres humanos. Temos nossas fraquezas e nossas forças, mas a capacidade de sempre conseguirmos nos recuperar e nos tornar cada vez mais nós mesmos. Porque é o nosso eu que estamos buscando realizar. É o nosso próprio sentido de auto-realização. Logo, quem fica mais desapontada quando algo não dá certo, somos nós mesmas. Sempre são aquelas outras pessoas que vêm nos ajudar nesse momento e que nos dirão que afinal, não foi tão ruim o que aconteceu, que fizemos o melhor que podia ser feito. E esta outra pessoa nos ajudará a ver de um outro ponto de vista. Há sempre uma outra maneira de pensar cada situação. É algo que vai e volta; não é algo rígido, inflexível. O que eu queria dizer é que... isto é desenvolvimento, é o que a educação faz, é que ela mostra às pessoas a possibilidade, mas é o indivíduo que tem que aceitar a responsabilidade de assumir os seus atos. E, ao assumir essa responsabilidade, você se torna mais do que um aprendiz. Deixa de ser apenas um seguidor. Você não está se limitando a seguir ordens. Você diz: eu vou lá e vou fazer o meu melhor. E, assim fazendo, estará aprendendo durante o processo. Fica mais fortalecido porque adquiriu mais conhecimento a partir da experiência vivida. Desenvolveu uma nova capacidade que você desconhecia possuir. A partir do processo de luta. Eu tenho usado muitas histórias no meu trabalho com os alunos, com outras pessoas... e as histórias freqüentemente libertam a memória dessas

peças porque memória é poder. E o que fazemos é tentar encontrar nessa pessoa a memória da sua própria possibilidade.

Essa é a educação que vem de dentro. Não vem de fora. Novamente eu digo que isso não é uma fórmula, não é uma receita. E quando eu digo às pessoas para não pensarem no que faço nos Estados Unidos, que não quero que elas tomem o que estou dizendo como um modelo a ser seguido, falo isso com base naquele espírito de que sua capacidade já está em você mesmo. Estamos simplesmente buscando a chave para liberar essa porta especial para que você possa ver isto. Porque se for algo que venha de dentro de você, dá para imaginar o quanto você ficará mais fortalecido por ter feito sozinho? Não será uma sensação melhor do que se você pensar que foi algo que alguém lhe deu e que você ainda não possuía? Aquelas memórias que trago comigo, os momentos em que os alunos dizem: “obrigado por abrir a nossa mente.” No fundo você sabe que isso eles já possuíam...

**R:** Mas, sem dúvida, você os ajudou.

**J:** Bem, eu ajudei, eu ajudei.

**R:** Afinal, esse é o papel da educação.

**J:** Sim, esse é o papel da educação. Assim como na história do homem que você disse que “descobriu” que os portugueses haviam invadido as suas terras. Na verdade ele estava se lembrando de seus próprios...

**R:** ...ancestrais.

**J:** seus próprios ancestrais, sua experiência. E ele ficou dizendo: ah, então nós já estávamos aqui! Por isso é uma abertura tão poderosa. Sabe, eu agradeço a Paulo Freire por esse *insight* e eu também me dei conta que meu próprio povo é muito espiritual. Então essa música, “*Sometimes I feel like a motherless child*”, quando você para e pensa nela e se dá conta de que ela foi criada por pessoas que foram escravizadas. Essa é a expressão deles de como eles sentiram a realidade existencial da escravidão. Eles cantavam essa música sobre a sua própria memória do seu lar. Esta a força dessa música, porque conecta novamente as pessoas através de uma linha que lá atrás foi rompida, e a música os conecta de volta em um plano ainda mais além. É realmente a interioridade da realidade de se estar conectado com outras pessoas. Então quando mergulhamos dentro disso tudo e adquirimos força, ocorre uma corrente... um elo invisível, essa conexão com outros seres humanos que espiritualmente ainda permanecem com vocês. Espiritualmente eles estão presentes, mas nossos olhos humanos não conseguem ver isso.

Quando eu estive aqui no Brasil em 1991, eu e a Petro fomos a um arquivo com o Joel Rufino dos Santos, o historiador. E dando uma olhada em algumas caixas velhas com documentos das fazendas, encontramos numa das caixas, retratos, fotos... e uma delas era de uma família de fazendeiros elegantemente vestidos, posando sentados para a foto.

**R:** Eram europeus?

**J:** Eram. Ao nos depararmos com esta fotografia, o Joel disse: “há outras pessoas nessas fotos. Vocês não conseguem vê-las, mas eu consigo.” O que ele queria dizer era que essa realidade da família européia nos laços, nas gravatas... essa realidade não seria possível sem as pessoas que foram escravizadas por eles e que os ajudaram a criar este novo mundo de riqueza e prosperidade. No entanto, os escravos não aparecem na foto. Mas simplesmente por eles não aparecerem na foto não quer dizer que eles não estivessem ali. A nossa compreensão desta realidade de se estar sozinho, serve para repensar o que é estar sozinho... Nós somos os descendentes de todas essas pessoas que tornaram possível a nossa sobrevivência. Elas permanecem o tempo todo conosco. Então agora quando eu trabalho com meus alunos brancos, o que eu tento fazer é interromper a identificação deles com o falso... uma parte da realidade com a qual eles estão se identificando, que é apenas uma parte da realidade. A realidade distorcida. Por exemplo, o que meus alunos falaram quando eles leram sobre Colombo... e eles leram a verdade sobre o comportamento de Colombo, o que ele na verdade fazia, aí eles falaram: “nossa, a gente não sabia isso sobre Colombo!” Esses alunos eram italianos. Eu tenho muitos alunos italianos lá nos EUA. “Mas se Colombo fez tudo isso, quem vai passar a ser nosso herói?” Ele realmente fez isso, é tudo verdade. Mas se vocês decidirem não mais admirar Colombo, vamos analisar, vamos procurar novamente entre os seus ancestrais brancos... quem vocês podem admirar? Então a gente volta ao passado e analisa como as pessoas que lutaram contra a escravidão foram retratadas nos livros escolares. Elas eram retratadas como loucas, selvagens, irracionais... Então nós temos que rever essa análise e poder dizer: bem, aí está alguém que podemos admirar. E vamos rever o que nos ensinaram sobre eles. Hoje em dia os meus alunos estão mais atentos porque eles conseguem perceber que a identidade deles foi “controlada”. Quero que eles aprendam o que não lhes ensinaram, retiraram deles a oportunidade de se sentirem orgulhosos de alguém que tenha contribuído para a justiça. Por isso eles estão em alerta. Eles não são mais “missionários”, eles também são vítimas do processo que visa a despotencializar as pessoas. Assim eles se potencializam numa fonte que até então não estava disponível para eles. Nós estudamos Mother Jones, estudamos John Brown... estudamos outros que foram comprometidos com a justiça. Mas eles não sabem nada sobre essas pessoas. A partir disso, eles conseguem perceber que houve algo de errado com a educação que receberam.

**R:** Assim é que a educação deve ser, Joyce. Veja bem, é esse o problema que às vezes temos aqui no Brasil. Não se trata de não querermos o conhecimento europeu. Não é isso. É algo como o que Marx fez com Hegel..

**J:** É, ele virou de cabeça para baixo.

**R:** Ou seja, você passa a analisar os mesmos eventos de uma outra perspectiva e vê o que não via antes. Agora com uma informação que é a...

**J:** A capacidade de pensar.

**R:** ... um novo conhecimento que você consegue demonstrar que faz parte da história, mas que havia sido silenciado. A história que foi contada dessa forma, porque esse era o interesse daqueles que detinham o poder.

Mas houve algo mais. Eu gosto muito da temática da foto... aqui você vê a família; a família dona da terra.

**J:** A fazenda, a família, a esposa, os filhos. Todos com uma aparência...

**R:** Todos bem vestidos. As jóias, os cabelos, tudo muito rico, muito belo, muito limpo... Mas por trás disso, tanta gente que apesar de não aparecer está ali. É a capacidade de conseguir enxergar na foto o que não é mostrado, o que está por trás. Para mim isso parece muito, muito importante.

**J:** Uma força muito grande.

**R:** Com certeza, e isso não é “dar uma receita.” Isso é demonstrar que por trás de qualquer evento sempre há uma história que foi/está sendo silenciada.

**J:** Então eles vão à origem da totalidade social, que revela que alguns grupos conseguem enxergar melhor a totalidade social por conta de sua experiência existencial. As pessoas na foto estão cegas por causa dos seus privilégios. Eles estão cegos pela crença de que é isso que eles merecem. E que as pessoas que os servem são incapazes e não merecem nada mais do que têm. Mas quem está servindo, e que está colocando o café, está vivendo a realidade dela. E ela está apta a também enxergar a outra realidade. Essa pessoa não está cega. Portanto essas pessoas que conseguem se apoderar da totalidade social, ela podem ser mais ativas em seu próprio benefício a fim de criar esse novo mundo. Isso se estiverem pensando. Se não estiverem pensando, somente conseguem visualizar substituir quem está na foto. Para dizer que merecem estar ali.

**R:** Nesta perspectiva, eu diria que a educação é um processo de abertura para que os que foram silenciados contem sua própria história, sua rica história, a história que não foi contada. Portanto nós temos que trabalhar em uma perspectiva contra-hegemônica, em que os silenciados possam se erguer e falar, e demonstrar que não há apenas uma história feita de... uma única perspectiva. Sempre há uma outra perspectiva que deveria aparecer, que deveria ser contada.

**J:** Mas... Regina, um outro ponto é que essas perspectivas não são iguais. Essas perspectivas não são neutras. Se educação significa dar permissão aos silenciados para que eles falem, também é possível que essas pessoas que estão na foto precisem de novas habilidades para que se encaixem de forma diferente, que sintam de forma diferente, que saibam de forma diferente.

Porque no processo de mudança do mundo não se trata de somente criar mini-perspectivas, e sim enxergar qual perspectiva é a melhor para toda a humanidade. Não podemos simplesmente afirmar: queremos que os silenciados falem e que os outros se caleem. Qual o objetivo disso? Não se trata de tomar o lugar de quem oprime. Não se trata de retirá-los para substituí-los.

**R:** Novamente isso tem a ver com o Paulo Freire.

**J:** Tem razão. É como a gente estava falando dos políticos de hoje em dia. Eles recebem os votos, e depois não agem como prometeram. E eles desapontam. Então não devemos nos surpreender se as pessoas agirem da mesma forma. Isso significa que temos muito a fazer. Uma outra pessoa tem que se pronunciar. Portanto vemos nossa luta como um processo contínuo. Você estava dizendo que não tem esperança de ver no seu tempo de vida a mudança que desejamos. O que posso lhe dizer é que nunca conseguiremos ver tudo o que queremos no nosso tempo. Mas, podemos ajudar que saibam a importância do que está acontecendo. Dessa forma, eles conseguirão se sentir encorajados a continuar a lutar... A LUTA CONTINUA.

**R:** Acho que isso deveria ser a mensagem de tua fala... A LUTA CONTINUA.

**J:** Com certeza.

**R:** MUITÍSSIMO obrigada.

**J:** Foi um prazer. Então... eu desejo boa sorte com o jornal.

